

## **RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E JUVENTUDE: manifestação cultural ou forma de resistência?**

### Introdução

O presente texto traz os resultados parciais de uma pesquisa realizada entre os anos de 2008 e 2011<sup>1</sup> na cidade de Londrina (PR) e apresenta uma maior profundidade na busca pelo conhecimento acerca do fenômeno religioso, em especial àquele vinculado ao movimento pentecostal<sup>2</sup> na contemporaneidade e a participação de jovens nas denominações desse segmento.

Quando falamos em religião logo nos vem à mente ideias como fé, sagrado, teofania. Se, por um lado, estão corretas tais ideias, por outro, apresentam-se incompletas para entendermos a presença cada vez em maior número, de jovens em celebrações ou movimentos religiosos, nos quais a emoção, o fervor, a devoção e até mesmo a definição de normas de comportamento são valorizados e incentivados.

O presente estudo partiu da premissa de que os conceitos analíticos sobre a temática religiosa são plurais e que, portanto, não há consenso entre os autores especializados. Nessa perspectiva, as definições são sempre parciais, provisórias e arbitrárias. Para superar esse obstáculo epistemológico do campo da Sociologia das Religiões foi adotada a contribuição de Otto Maduro, que delimita o conceito de religião como

uma estrutura de discursos e práticas comuns a um grupo social referentes a algumas forças (personificadas ou não, múltiplas ou unificadas) tidas pelos crentes como anteriores e superiores ao seu ambiente natural e social, frente às quais os crentes expressam certa dependência (criados, governados, protegidos, ameaçados etc) e diante das quais se consideram obrigados a um certo comportamento em sociedade com seus “semelhantes” [...] Consideramos, então, qualquer fenômeno social (discurso, rito, conflito, etc) como *religioso* na medida, e somente na medida, em que tenha sido produzido no seio de um tal conjunto de práticas e discursos, e conserve – implícita ou explicitamente – uma referência afirmativa discernível a tais forças “sobrenaturais” e “sobre-humanas” (Maduro, 1983, p. 31).

Nesse sentido, é importante definir que a função social das organizações religiões, ao menos em nossa sociedade ocidental de matriz judaica-cristã, está vinculada a vivência, a experiência e a formatação dos comportamentos e valores religiosos dos indivíduos, para

---

<sup>1</sup>Vinculada aos Projetos de Pesquisa *Religiosidade e adesão religiosa: motivações que levam homens e mulheres a adentrarem as portas do templo de uma igreja pentecostal* do Departamento de Serviço Social e ao Projeto Integrado *Laboratório de Estudos de Religiões e Religiosidades – LERR* da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup> Tendo em vista as inúmeras classificações que envolvem os estudos e análises do campo protestante no Brasil optamos por abarcar dentro da conceituação movimento pentecostal as denominações habitualmente intituladas de pentecostais, bem como, as neopentecostais. “Sobretudo a partir da década de 80, o pentecostalismo muda significativamente com o surgimento de novas Igrejas com arrojo midiático, teologia da prosperidade - que estimulava os pobres para a busca de ascensão material por meio da fé - e articulações para inserção na esfera da política partidária, ainda que com predomínio de interesses corporativos. Assim, Igrejas como a Universal do Reino de Deus - IURD e a Igreja Internacional da Graça incrementam no país o neopentecostalismo cujos discursos prometem sanar todos os males e agruras dos adeptos e demarcam a política como um campo de missão e evangelização.” (Fernandes, 2009, p. 105)

isso, baseamo-nos também em Bourdieu (2004, p. 33), um estudioso contemporâneo, que tornou-se um clássico, ao debater o significado da religião e do campo religioso. Bourdieu apropriou-se dos três autores acima citados (Durkheim, Marx e Weber) estabelecendo uma reatualização e contextualização da análise sociológica sobre a temática:

A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos. (Bourdieu, 2004, p. 33)

À semelhança de Bourdieu (2004), Berger (1985) também fundamentou-se nos clássicos para destacar que a religião é produto e produtor de uma realidade que procura justificar e entender as ações de homens e mulheres:

as legitimações religiosas nascem da atividade humana, mas uma vez cristalizadas em complexos de significados que se tornam parte de uma tradição religiosa, podem atingir um certo grau de autonomia em relação a essa atividade. De fato, podem em seguida *retroagir* nas ações de cada dia, transformando estas últimas, por vezes radicalmente. (Berger, 1985, p. 55)

Ao refletirmos sobre o contexto religioso brasileiro, temos em evidência que o número de pessoas que se denominam membros de uma igreja de natureza pentecostal cresceu significativamente a partir da segunda metade do século XX, trazendo um novo cenário para o campo religioso. Esse fenômeno religioso intitulado movimento pentecostal levou ao surgimento de centenas de igrejas e está presente tanto na Igreja Católica, como nas Protestantes Históricas.

Na década de 1970, este crescimento se aprofundou, pois, se inicialmente a presença das igrejas evangélicas pentecostais era mais visível entre os segmentos de baixa renda, logo se fez notar entre a classe média - profissionais liberais, professores, servidores públicos, comerciantes, entre outras categorias profissionais - em busca de igrejas que oferecem *serviços e respostas* para suas necessidades.

Além da base teórica pautada nas contribuições das ciências humanas e sociais, recorreremos às técnicas investigativas da Antropologia, como a observação participante das celebrações religiosas das Igrejas Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus, Evangelho Quadrangular, Comunidade Nova Aliança, Assembléia de Deus e Bola de Neve, e realizamos entrevistas com roteiro semi-estruturado com jovens<sup>3</sup> membros destas denominações, permitindo uma compreensão das motivações que os levam a procurarem as igrejas evangélicas pentecostais<sup>4</sup>.

Nessa perspectiva da sociologia das religiões é possível identificar que nas últimas décadas, há uma revalorização dos aspectos sagrados, sobrenaturais ou sobre-humanos na sociedade brasileira. Muitos templos religiosos se enchem de fiéis e é incontável o número de seitas e organizações religiosas que foram constituídas. Dentro

---

<sup>3</sup> As identidades dos sujeitos de pesquisa foram preservadas e os mesmos foram identificados por letras alfabéticas.

<sup>4</sup> As observações das celebrações religiosas, entrevistas e sistematização dos dados contaram com o apoio de iniciação científica das bolsistas do curso de Serviço Social da UEL: Denice Barboza de Souza (email: [denice.barbosa@yahoo.com.br](mailto:denice.barbosa@yahoo.com.br)) e Patrícia Vicente Dutra (email: [patriciavicenteditra@hotmail.com](mailto:patriciavicenteditra@hotmail.com)).

dessa abordagem, temos como recorte dessa investigação os jovens, enquanto sujeitos de pesquisa que frequentam as denominações que compõem crescimento do movimento pentecostal e a expansão neopentecostal no Brasil.

A realização das entrevistas ocorreu com sujeitos denominados jovens, sendo considerados para esse fim aqueles que estão acima de 18 anos e que pudessem compor uma faixa etária que não ultrapassassem os 40 anos. Com a perspectiva da vigilância epistemológica, Fernandes indica que

A categoria juventude no imaginário social brasileiro é construída levando-se em conta diferentes representações simbólicas do termo, seja na esfera pública seja na esfera privada. A variável principal para o recorte do segmento “juventude”- embora sem muito consenso entre os analistas - é a faixa etária. Segundo a ONU, o segmento juvenil estaria retratado na parcela demográfica que corresponde à faixa etária dos 15 aos 24 anos.

Se considerados os jovens nessa faixa etária, segundo o Censo 2000 do IBGE, tem-se a representação de 20,1% da população brasileira. A juventude vem cada vez mais se tornando uma agenda de intervenção pública (Pochmann, 2004, p. 217), mas é importante ressaltar que o consenso de que a condição juvenil não pode ser tratada como uma temática homogênea tem se intensificado. (Fernandes, 2009, pp.100-1)

Esse estudo não pretende explorar ou debater a categoria “jovens”, “juventude”, “juventudes” e sim, recortar esse referido grupo social que frequenta as denominações religiosas em Londrina PR. Assim, “o crescimento das Igrejas pentecostais e de novos movimentos religiosos que tendem a atrair jovens de diversas camadas sociais tem motivado os estudos sobre a relação entre religião e juventude no país” (Fernandes, 2009, p. 99). Nessa mesma esteira, Paulilo (2007) reforça que o debate especializado esclarece que

por um lado, as instituições modernas tiveram um peso na institucionalização do curso da vida e, por outro lado, a modernidade foi também construída sobre o reconhecimento, a criação e a recriação das faixas etárias.

Podemos, desta forma, observar que a definição dos parâmetros etários que marcam a juventude, nas sociedades ocidentais atuais, não é tarefa das mais fáceis e há muita variação nesse aspecto. [... Por fim] falar sobre juventude implica ainda considerar que a condição juvenil abrange uma multiplicidade de situações e de sujeitos que vivem esta fase de suas vidas de maneiras diversas, partem de marcos distintos, seguem diferentes trajetórias e tomam rumos variados. (Paulilo, 2007, pp. 136-7)

Dessa forma, nossa abordagem não compõem as discussões teóricas ou as políticas públicas (nacionais ou internacionais) para o segmento juventude, porém a partir das contribuições de Marcelo Camurça (2009, p. 64), buscou com a pesquisa participante e as entrevistas promover um processo de investigação que explicitasse uma possibilidade analítica, compreensiva e interpretativa a partir da vivência dos pesquisadores e das relações estabelecidas com os sujeitos. Procuramos afastar a abordagem sociológica reducionista e corriqueira nos estudos sobre o sagrado e as religiões.

## **1. RELIGIOSIDADE PENTECOSTAL E REALIDADE SOCIAL<sup>5</sup>**

---

<sup>5</sup> Formulações e aspectos apresentados parcialmente no II Seminário Nacional de Sociologia & Política da UFPR em set.2010.

A complexidade do real, modificado por homens e mulheres a partir de suas ideias, necessidades, aspirações, emoções, sentimentos, improvisações diante do medo, da alegria, da dor, da fome, da morte, da vida, nas relações de dominação e subordinação, de resistência e passividade, leva as religiões e religiosidades a produzirem e garantirem um *ethos* e uma quantidade de significados que cada indivíduo tem acerca de sua experiência emocional, afetiva e espiritual, os quais são reproduzidos nas ações diárias.

E a religiosidade, entendida como manifestação pessoal de fé, em uma busca por experiências e valores que transcendam a dimensão material e corporal, dá sentido à existência do indivíduo no mundo e equilíbrio para os diferentes aspectos da vida (social, afetivo, emocional, espiritual), determinando dessa forma, o comportamento e as ações deste indivíduo, de seu grupo social e mesmo de uma coletividade.

Outrossim, as condições materiais objetivas de homens e mulheres condicionam sua percepção e atitudes diante das situações que acontecem ao seu redor, de sua concepção de vida, de religião, de política, de economia, de cultura.

E se nos voltarmos para o movimento pentecostal, verificaremos que as práticas e representações de seus líderes ajustam-se ao *habitus* do grupo social no qual estão inseridos, produzindo e reproduzindo as “estruturas objetivas das quais são produtos” (Bourdieu, 1983, p.61) em suas celebrações, orações, evangelizações e pregações.

Partimos da suposição que as possíveis causas do sucesso desse movimento entre diferentes grupos sociais, encontram-se na consolidação de uma sociedade urbano-industrial, que redefiniu as estratégias produtivas, remodelou as instituições sociais, transformou as relações sociais e prometeu projetar o indivíduo para a cena principal, isto é, seria ele quem elaboraria seu modo de ser, pensar e agir independente das tradições familiares, religiosas ou de uma hierarquia institucional.

Se, por um lado, verificamos que há jovens que não freqüentam uma igreja ou não participam de movimento religioso, por outro, também constatamos que a religiosidade não arrefeceu, ao contrário, apresenta um dinamismo significativo a partir da década de 1990. Acreditamos que este crescimento vem na esteira de uma concepção que exalta a tecnologia, o individualismo, o consumo como alternativa para alcançar a felicidade e a paz.

Na verdade, essas idéias e ideais são frutos da modernidade e do desenvolvimento capitalista, processo que se iniciou no século XVIII e promoveu profundas mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas em decorrência de uma nova forma de produzir, reproduzir e comercializar os bens materiais.

Testemunhou-se ao longo desses últimos séculos, a ampliação dos meios de comunicação de massa, o avanço tecnológico, que possibilitou alavancar a produção, diminuir os custos e ampliar o consumo para diversos segmentos sociais; modernidade que supostamente livraria as pessoas de uma visão mágica ou religiosa do mundo, das tradições e das hierarquias que engessavam a ascensão social, com a ciência apresentando-se como a única possibilidade de alcançar a verdade e o saber, e o conseqüente desenvolvimento econômico, social e cultural.

Contudo, o aparato tecnológico, o acesso ao consumo, a ciência e a razão mostraram-se insuficientes para as questões geradas dentro e a partir desse mundo moderno e capitalista. Como as organizações vinculadas ao mercado e o Estado não conseguem responder de modo satisfatório às angústias da vida em sociedade, novos caminhos foram buscados. E a religião foi um dos caminhos trilhados.

Há, ainda, uma revalorização de elementos supersticiosos em certos grupos. Assim, é possível afirmar que é crescente, na população em geral, o fenômeno religioso –

associado a uma carência subjetiva, estimulada pelos meios de comunicação de massa. Para Carvalho, seus argumentos vão

inclusive no sentido oposto ao do propalado e debatido fenômeno da secularização: tão logo declinou a hegemonia do religioso no final do século XIX, o mundo audiovisual veio se incumbir de revitalizar a presença da mensagem religiosa na sociedade ocidental que se modernizava a passos largos (1998, p. 86).

No que se refere a esse aspecto, Hobsbawm (1995) faz um contraponto e expõe que o século XX permitiu perceber que os programas, “velhos e novos, [que procuravam] controlar e melhorar os problemas da raça humana” fracassaram e enquanto o socialismo e o capitalismo estão em crise, “os mais antigos guias para os perplexos deste mundo, as religiões tradicionais, não oferecem alternativas plausíveis” (Hobsbawm, 1995, pp. 544-5)

Há que se destacar o fato de que essa sociedade se urbanizou desordenadamente em decorrência do êxodo de milhares de homens e mulheres que, expulsos do campo, deslocaram-se para as cidades em busca de melhores condições de sobrevivência, mas que pouco ou quase nada conseguiram oferecer para seus novos moradores. E a situação, ao invés de melhorar, degradou-se ainda mais, restando apenas o consolo e o conforto do sagrado. Na esteira da degradação econômica das famílias, verificou-se o crescimento de uma religiosidade calcada na emoção e na subjetividade, com o fortalecimento do movimento pentecostal (Silva, 2008). Em consonância com as palavras de Campos (1996, p. 93-94):

O pentecostalismo tem respondido de forma positiva às necessidades sócio-psíquicas das pessoas excluídas da modernidade capitalista. [...] Essa força surge exatamente da identificação do pentecostalismo com aquela cultura popular gerada numa tradição pré-capitalista, portadora de resíduos milenaristas, de um dinamismo capaz de dar aos pobres e excluídos a força de conviver com tantas desigualdades, vazio e miséria.

O movimento pentecostal, com novas práticas religiosas também apresentou uma nova teologia, aqui entendida como uma formulação conceitual (de questões relativas ao conhecimento de Deus) e sistemática de uma doutrina (um conjunto de normas e princípios que regem o pensamento e o modo de agir do fiel). Uma teologia construída tendo por base a bênção do Espírito Santo, e o seu sinal, a glossolalia, assim como a cura e libertação das forças malignas.

O batismo daqueles que se converteram ou “aceitaram Jesus”, se dá após uma preparação e forte expectativa, que faz com que o novo crente cultive o sentimento de ter sido eleito por Deus, o qual está presente em tudo e em todos os lugares e tempos; fatos passado, presente e futuro estão relacionados em uma verdadeira fusão, cabendo ao Espírito Santo levar tudo e todos à sua plenitude, porque une vida corporal, sexual e psicológica. Homem e mulher se tornam íntegros e respeitados, desaparecendo também as divisões econômicas, sociais e culturais (Silva, 2008).

Ainda segundo essa perspectiva teológica, não combater o mal, isto é, o demônio, representa a vitória do caos e da desordem na vida pessoal, trazendo doenças, desemprego, brigas e separações, bem como caos e desordem no grupo social. Portanto, converter-se e receber o batismo do Espírito Santo significa a possibilidade de resistir e fortalecer-se perante as agruras da vida cotidiana, por meio dos princípios morais e religiosos. “Deus é fiel” e se torna acessível, garantindo um novo sentido às atividades rotineiras do dia-a-dia, além da satisfação religiosa que as igrejas tradicionais até então não traziam. O toque de

Deus revela que mesmo os mais desprezados pela sociedade são dignos de se tornarem a morada divina.

E assim, os fiéis constroem, desconstroem e reconstroem sua religiosidade a partir de seu estilo de vida, de pensar, de ser e de agir, fundamentada na emoção, na subjetividade e nos desejos individuais: “A mudança que Deus fez na minha vida, foi que ele me tornou uma pessoa mais calma, mais tranqüila [...]” (A.).

As possíveis conseqüências de uma religiosidade centralizada no indivíduo e suas necessidades serão conhecidas daqui a alguns anos, mas podemos supor que continuará aumentando as migrações entre as denominações religiosas e sua adequação a um público cada vez mais flutuante, haja vista o crescimento constate das igrejas evangélicas pentecostais e o declínio das igrejas históricas tradicionais. Conforme estudos divulgados pela Fundação Getúlio Vargas, a queda do número percentual de membros do catolicismo chegou a 68,4% em 2009; enquanto que os evangélicos, tanto os tradicionais como os pentecostais, registram um crescimento de 20,2% nessa década (Novo Mapa das Religiões, 2011, p. 7-8).

### **Igrejas Pentecostais e o espaço juvenil**

Procuramos identificar por meio dessa pesquisa as razões dos jovens participarem e comporem os índices que se associam ao aumento do número de igrejas evangélicas pentecostais. Percebe-se que há uma necessidade, um vazio que precisa ser preenchido em meio à diversidade do dia a dia, fazendo com que as pessoas busquem algo nas igrejas, pois lá elas se sentem protegidas dos perigos que as rodeiam: “É bom você estar lá, convivendo com pessoas com a mesma mentalidade que você, buscam a mesma coisa que você, tem o mesmo foco que você [...]” (P.).

Por meio de observações e das entrevistas, foi possível perceber aspectos em comum no que diz respeito a esses motivos. Partimos do fato de que as pessoas estão reconstruindo o que chamamos de protagonismo. Os jovens são o exemplo mais claro e forte que identificamos. Este protagonismo é a maneira como o jovem grava sua participação na sociedade por meio da inserção em espaços onde se relaciona com outros indivíduos, praticando atividades que atende às suas aspirações e às aspirações do grupo do qual faz parte.

É uma forma de integrar-se, de pertencer a um determinado grupo, de participar de uma determinada atividade. É o indivíduo responsável por sua inserção na sociedade, no mercado de trabalho, pelo acesso aos serviços da comunidade.

E como podemos verificar, a instituição religiosa é também um espaço privilegiado onde se encontram alguns desses elementos, porque fomenta e possibilita esse exercício do jovem fiel, tendo em vista que lá é aceito, assistido e notado, enfim, “visível”:

Eu freqüento o (*sic*) Bola de Neve porque pra mim... Quando eu voltei pra Igreja mesmo, eu fui acolhido por uma família. Esse foi o diferencial. Não foi eu simplesmente chegar aqui. O pessoal me cumprimentou, perguntou de onde eu tinha vindo, quem que era eu realmente (R.).

Com análises que aprofundam esse binômio juventude e protagonismo, a pesquisadora Regina M. de Souza (2006) indicou por meio de seus estudos os limites dessa relação entre os jovens e as instituições promotoras desse discurso do “protagonismo juvenil”. Na realidade há uma contradição constatada quando os jovens são objetos das mais diferentes instituições, denominações, entre outras. Segundo a autora, se trata de um discurso encarnado nos jovens e por seus representantes que não os tornam sujeitos com

possibilidades de crítica ou ação livre nos espaços sociais institucionais, “a fala diferente, autônoma e transgressora está ausente, e o que se vê é a incorporação de um discurso e a execução de práticas que reforçam o consenso forjado.” (Souza, 2006, p.221)

Ademais, há a formação de um círculo de amizades que chamam de “família”, porque sentem que têm com quem “contar”, que têm amigos que estão buscando o mesmo objetivo, que fazem parte de um grupo: “É bom você estar lá, convivendo com pessoas com a mesma mentalidade que você, buscando a mesma coisa que você, ter o mesmo foco que você.” (P.).

Diferentes como indivíduos, mas iguais na fé e na escolha pela mesma denominação religiosa, o indivíduo se identifica e se iguala conforme o grupo em que se insere. A partir daí, o sujeito passa a ser semelhante aos outros membros do grupo.

Não obstante, também verificamos que as instituições religiosas buscam adequar-se ao fiel. Se o jovem quer ir à igreja sem precisar esconder a tatuagem ou tirar o *piercing*, então existirá uma igreja desse jeito. Se a mãe de família busca a cura da enfermidade, busca a salvação do casamento, existirá uma igreja fundada nos princípios da família: “Quando você entende que Deus é teu pai, e não apenas o teu criador, e você passa a viver esse amor, você quer corresponder com esse amor, e você quer deixar, quer abandonar tudo o que não agrada o seu pai [...]” (R.).

De acordo com Sousa (1984), a instituição enquadra a pessoa pelo desejo de ser querida por ela, atua com a coerção, mas de forma que seja desejada, mostra-se querer o mesmo que seu cliente, de forma que a relação resulte em sedução ou identidade. Assim, esta submissão da pessoa à instituição se dá ou por prazer, ou por fuga da dor, deixando-se penetrar pelo desejo institucional.

Eu frequento essa igreja por ser uma igreja de jovens, pelo meu filho ser exatamente o pastor da igreja e pela gente ter começado esse trabalho aqui em Londrina, mais especificamente por ela ter uma visão de receber pessoas como elas realmente são, geralmente as igrejas mais tradicionais elas às vezes criam algumas barreiras em relação as pessoas que são um pouco diferentes [...]. (A.)

A procura por um local ou mesmo práticas e atividades que possibilitem ter (ou ao menos a sensação de ter) o controle da própria vida leva a mudanças de atitude e de comportamento. A conversão representa um marco na vida dos fiéis, o “antes e depois” da conversão. Proporcionam uma experiência emocional, afetiva e espiritual. Antes se consideravam egoístas, não tinham paz, saúde, estabilidade financeira, relações familiares e/ou sociais satisfatórias, felicidade, disciplina. O que tinham eram doenças, depressão, câncer, dívidas, brigas familiares, dependência química, envolvendo-se inclusive com prostituição:

Olha, antes de ir à igreja, ‘tava’ com minha vida totalmente desregrada, com minhas emoções doentes, na verdade com a minha alma doente, eu ‘tava’ cheio de conflitos internos, ‘é’ cheio de paranóia, e isso me levou a entrar num processo depressivo, sabe, onde tudo de repente, as coisas que eu gostava de fazer ‘é’, começaram a fazer mal, na verdade já me fazia mal, e eu passei a enxergar que elas me faziam mal, que eu ‘tava’ com a minha saúde mental completamente comprometida, eu não tinha nenhum pouco de paz, na verdade eu tentava buscar a paz, através da promiscuidade, através das drogas, através às vezes do consumismo [...]. (R.)

Segundo Campos (2002, p. 96) a “conversão se tornaria então um processo de troca de identidade religiosa e cultural, assim como a aceitação de uma nova mentalidade, tida como mais ‘racional’, menos ‘supersticiosa’ ou ‘mágica’[...]”, possibilitando a construção de novos laços sociais e afetivos, de acordo com as expectativas e anseios do convertido.

Após a conversão, os jovens fiéis revelam ter adquirido o que faltava. Eles identificam que aquele lugar, aquela prática está lhes trazendo o que falta, o que foram buscar. Observamos nas declarações dos fiéis, que a partir da conversão há uma mudança significativa em suas vidas. O que era ruim ficou bom, o que não havia cura encontra solução, as práticas tidas como erradas dão lugar às corretas, superam-se as angústias imediatas: “Tinha uma vida totalmente afundada no pecado, toda desregrada, e com uso de drogas, como álcool, baladas [...]” (R.).

Importante ressaltar como enfatizam o “tudo”. Tudo muda tudo era ruim, agora tudo é maravilhoso, porque, segundo esses neófitos, Deus transformou tudo.

[...] Mudou radicalmente. A minha mãe era desenganada da medicina, tinha graves problemas de coração. Meus pais estavam a ponto de morrer. Meu pai também era desenganado da medicina, tinha três meses de vida, segundo os médicos. Deus abençoou meus pais. Ele não só curou e mudou, ele transformou as nossas vidas, nos deu paz, alegria, nos tirou da miséria, e ainda nos deu o direito da salvação. (C.)

Outro aspecto a destacar, é a crença de que Deus tem um plano para a vida destes novos crentes, e estar em determinada igreja faz parte deste plano. Aqueles que não nasceram na igreja, mas se converteram, julgam que é nesta denominação religiosa que o plano de Deus se cumprirá. Afirmam que somente nesta denominação é que *encontrará Jesus*:

Eu comecei a freqüentar aqui devido a uma situação que eu estava passando. Uma crise conjugal. Eu freqüentava antes a igreja Católica, nós procuramos ajuda diversas vezes, mas não conseguimos. Eu e meu esposo fazíamos análise com psicólogo, como casal, e não estava surtindo muito efeito. Ele tinha problema com vício de jogo, e aconteceu que um dia um agiota me procurou, me ameaçando de morte, estava com um cheque meu e eu não sabia [...]. E eu falei pra ele (*para o agiota*) que iria denunciar tanto ele quanto o meu marido para a polícia, e saí disposta a acabar com tudo. E no caminho, eu vim cair aqui (na igreja) (D.)

Se há o fracasso, o culpado é o indivíduo, porque não teve fé suficiente para conseguir o que desejava. Quanto ao sucesso, ele é mérito da igreja, que se coloca como aquela que possibilitou e/ou facilitou o caminho para Deus.

No decorrer do processo investigativo, verificou-se que os jovens membros das igrejas apresentam a seguinte compreensão no processo de conversão religiosa: Deus é bom, não quer o sofrimento, se na denominação que ele freqüenta não encontra respostas para suas angústias ou as dificuldades não podem ser solucionadas nem pela igreja nem por outro caminho, é porque Deus não está neste lugar, e é preciso então mudar, converter-se: “Porque na Igreja do Evangelho Quadrangular eu encontrei, o que não encontrei na Igreja Católica, Jesus. E ele mudou a minha vida, mudou e transformou a história da minha família.” (F.)

A partir daí, os fiéis apresentam um sentimento de pertencimento, porque agora fazem parte de um corpo, parte de algo maior; ressaltam que não é a igreja a autora de tais mudanças e sim o próprio Deus, que se encontra nesta igreja.



Dessa forma, as igrejas são escolhidas à medida que apresentam relações seguras, relações de proximidade, relações fundadas no afeto, no cuidado. Os fiéis apresentam a necessidade de se sentirem cuidados, animados, fortificados. Buscam um espaço que lhes ofereça a cura da enfermidade, a resolução de um problema, mas esta resolução tem que vir de um lugar forte, que com disciplina os oriente a dirigir suas vidas.

Segundo as declarações colhidas nas entrevistas, uma instituição que lhes ofereça disciplina, que defina limites, reeducando-os para conseguirem viver em harmonia com o mundo: “Os meus valores eram totalmente errados, fora dos princípios da palavra de Deus. E esta igreja me ensinou como eu devo proceder [...]”. (K.)

### **Algumas considerações**

A penetração da teologia pentecostal no interior das igrejas tradicionais, como dito anteriormente, veio ao encontro da necessidade de justificar e reforçar atitudes e ações como a competição, o individualismo e o consumo como alternativa para alcançar a felicidade e a paz. Ideias e ideais frutos da modernidade e do desenvolvimento capitalista, cujo processo se iniciou no século XVIII e promoveu profundas mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas em decorrência de uma nova forma de produzir, reproduzir e comercializar os bens materiais. Os indivíduos se moveriam a partir de seus interesses, desejos e prazeres, os quais seriam ditados por um mercado repleto de opções para atender a todos.

O movimento pentecostal, dentro das novas instituições bem como nas tradicionais que passaram a adotar as mesmas características e missão, promoveu uma ampliação do número de jovens nas celebrações religiosas, em um momento em que verificamos entre estes o aumento de casos de depressão, do uso de drogas lícitas e/ou ilícitas, consumismo ou apatia política.

As motivações dos jovens, sujeitos da pesquisa, para estarem frequentando as organizações religiosas pentecostais concentraram-se principalmente na busca de amigos, no equilíbrio familiar, na cura de enfermidades físicas e emocionais.

O contexto em que estão inseridos, associado às mudanças ocorridas nas áreas social, econômica, política e cultural, exigiram que homens e mulheres redefinissem seus modos de pensar, de ser e de agir, fato levou muitos a irem ao encontro de movimentos que trouxessem a promessa de renovação e/ou certezas. Além disso, a idéia de conquistar a felicidade no plano terreno e de que poderia viver as delícias do céu neste plano é tentadora, porque romperia com o tradicionalismo religioso, que prega que as alegrias e o fim do sofrimento somente se darão após a morte.

Foi o movimento pentecostal, e nele as igrejas pentecostais, que possibilitaram aos jovens viver a possibilidade de resistir e fortalecer-se perante as agruras da vida cotidiana, por meio dos princípios morais e religiosos. Cada pessoa escolhe a sua própria igreja ou denominação, a sua própria crença, atendendo aos objetivos e demandas de seu cotidiano.

Nesse sentido é que há uma diversidade de ofertas no meio pentecostal para atender necessidades pessoais, emocionais, existenciais, porque para o jovem fiel sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades, medos, angústias e obstáculos do dia-a-dia.

### **REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERGER, P.L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulus, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu.** São Paulo: Ed. Ática, 1983. p. 46-81.

CAMPOS, Leonildo Silveira. CAMPOS, L. S. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. In: GUTIERREZ, B. F.; CAMPOS, S. L. **Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina - um desafio às igrejas históricas.** São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996. p. 77-120.

\_\_\_\_\_. Pentecostalismo, conversão e construção de laços sociais no Brasil. **Estudos de Religião**, ano XVI, nº. 22, 85-109, jan./jun. 2002.

CAMURÇA, Marcelo A. Etnografia em grupos religiosos: relativizar o absoluto. In **TOMO**, Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergipe Nº 1 (1998). São Cristóvão-SE, NPPCS/UFS, n. 14 jan./jun., 2009, p.55-66.

CARVALHO, J. J. “Religião, Mídia e os Predicamentos de uma Existência Pluralista”. In: MOREIRA, A. (Org.). **Sociedade Global, Cultura e Religião.** Petrópolis, Vozes, 1998.

FERNANDES, Silvia Regina A. Juventude nas igrejas e fora delas: crenças, percepções da política e (des) vinculações. In **TOMO**, Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais/Universidade Federal de Sergipe Nº 1 (1998). São Cristóvão-SE, NPPCS/UFS, n. 14 jan./jun., 2009, p.99-126.

HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991).** São Paulo, Cia das Letras, 1995.

MADURO, Otto. **Religião e Luta de Classes.** Petrópolis: Vozes, 1983.

**NOVO Mapa das Religiões.** Rio de Janeiro, FGV/CPS, 2011, p. 7-8. Disponível: <http://www.fgv.br/cps/religiao/> Acessado em fevereiro de 2012.

ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu.** São Paulo: Ed. Ática, 1983.

PAULILO, Maria Angela Silveira. Juventudes e políticas sociais públicas. In: JEOLÁS, Leila S. PAULILO, Maria Angela S. CAPELO, Maria Regina C. (orgs) **Juventudes, desigualdades e diversidades.** Londrina PR: Eduel, 2007, p.131-154.

SILVA, Claudia Neves da. **As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990).** 181 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista, Assis: SP, 2008.

SOUSA, Horácio. R. **Institucionalismo: a perda das instituições.** São Paulo: Secretaria de Saúde de São Paulo, 1984.

SOUZA, Regina Magalhães. **O discurso do protagonismo juvenil**. São Paulo: USP, 2006.  
<http://www.fgv.br/cps/religiao>. Acesso em fevereiro de 2012.